

Três homens sedutores.  
Um romance por mês.  
E um bar onde tudo acontece.

# O HOMEM DO MÊS

Janeiro • Fevereiro • Março

## J. KENNER

TOP  
SEL  
LER

A nova série da vencedora do prêmio RITA  
MELHOR ROMANCE ERÓTICO

janeiro

fevereiro

março

## CAPÍTULO 1

---

Reece Walker percorreu com as palmas das mãos as nádegas escorregadias e ensaboadas da mulher nos seus braços e soube que iria direitinho para o Inferno.

Não por ter dormido com uma mulher que quase não conhecia. Não por tê-la atraído para a cama com uma série de oportunos *bourbons* e meias-verdades particularmente engenhosas. Nem sequer por ter mentido ao seu maior amigo Brent, o terceiro elemento do trio de melhores amigos, sobre a razão pela qual não podia ir com ele ao aeroporto buscar Jenna.

Não, Reece estava face ao fosso ardente porque era um filho da mãe patético e excitado sem coragem para dizer à beleza desnuda que se encontrava no chuveiro com ele que ela não era a mulher em quem tinha estado a pensar nas últimas quatro horas.

E se esse não era um dos caminhos que o conduziriam direitinho ao Inferno, deveria ser.

Deixou escapar um suspiro de frustração, e Megan inclinou a cabeça, erguendo uma sobrancelha inquisitiva à medida que deslizava a mão para lhe acariciar o pénis, que não mostrava culpa alguma acerca da questão da ida para o Inferno.

— Estou a aborrecer-te?

— Nem pensar. — Pelo menos era a verdade. Sentia-se como um cretino, sim. Mas um cretino bem satisfeito. — Só estava a pensar em como és bonita.

Ela sorriu, parecendo simultaneamente envergonhada e agradada — e Reece sentiu-se ainda mais crápula. Que diabo estava errado com ele? Ela *era* bonita. E boa e divertida e de conversa fácil. Já para não mencionar boa na cama.

Mas não era Jenna, o que era uma comparação ridícula. Porque Megan estava na categoria de jogo limpo, enquanto Jenna era um dos seus dois melhores amigos. Acreditava nele. Amava-o. E apesar de o seu sexo se animar à ideia de fazer toda a espécie de coisas deliciosas com ela na cama, Reece sabia perfeitamente que isso nunca aconteceria. Ele nunca colocaria a sua amizade em risco. Além disso, Jenna não o amava dessa forma. Nunca amara, nem nunca amaria.

E isso — mais cerca de um bilião de outras razões — significava que Jenna estava totalmente fora de questão.

Tanto pior que a sua vívida imaginação não tivesse ainda recebido o memorando.

*Foda-se.*

Apertou mais o abraço, comprimindo o traseiro perfeito de Megan.

— Esquece o chuveiro — murmurou ele. — Vou levar-te de novo para a cama.

Ele precisava disso. Selvagem. Escaldante. Exigente. E suficientemente obsceno para o impedir de pensar.

Diabo, ele incendiaria a terra se isso fosse o necessário para queimar Jenna da sua mente — e deixaria Megan lânguida, lamuriante e muito, muito satisfeita. A culpa dele. O prazer dela. Pelo menos um deles ficaria a ganhar.

E quem sabe? Talvez ele conseguisse afastar da sua cabeça as fantasias com a sua melhor amiga.

Não funcionou.

Reece deitou-se descontraidamente de barriga para cima, com os olhos fechados, enquanto os dedos suaves de Megan traçavam o contorno das intrincadas tatuagens desenhadas sobre o peito e os braços dele. O seu toque era quente e suave, num contraste intenso da forma como ele a tinha possuído — um pouco selvagem demais, um pouco intensamente demais, como se estivesse a lutar numa batalha e não a fazer amor.

*Bem. Era verdade, não era?*

Mas era uma batalha que perdera. A vitória teria conduzido ao esquecimento. Contudo, aqui estava ele, com uma mulher nua a seu lado, e o pensamento ainda em Jenna, tão selvagem e intenso e impossível como era desde aquela noite há oito meses quando a terra lhe tremera sob os pés, e se permitira olhá-la como uma mulher e não como uma amiga.

Uma noite vertiginosa, revolucionária, e Jenna nem se dera conta. E maldito fosse se alguma vez lho desse a perceber.

A seu lado, Megan continuava a sua exploração, a ponta de um dedo a traçar o contorno de uma estrela.

— Não tens nomes? Não há iniciais de uma mulher ou de uma namorada escondidas no desenho? — Ele virou a cabeça bruscamente e ela desatou a rir. — Oh, não me olhes assim — ela puxou o lençol para cobrir os seios ao mesmo tempo que se ajoelhava a seu lado. — Estou só na conversa. Não escondo qualquer intenção. Acredita, a última coisa em que estou interessada é numa relação. — Ela afastou-se e sentou-se na beira da cama, permitindo-lhe uma visão sedutora das suas costas nuas. — Nem sequer passo aqui a noite.

Como se a provar o que dizia, dobrou-se, pegou no soutien que estava no chão e começou a vestir-se.

— Então essa é mais uma característica que temos em comum. — Ele ergueu-se, as costas contra a cabeceira da cama, desfrutando da vista enquanto ela se contorcia para vestir as calças de ganga.

— Ainda bem — disse ela com uma tal firmeza que ele soube que ela falava verdade, e por um momento imaginou o que lhe teria acontecido para se ter tornado avessa a relações.

Quanto a ele, fora decepcionado, mais do que magoado. Tivera algumas namoradas a sério ao longo dos anos, mas nunca funcionara. Independentemente de quão bem começasse, invariavelmente a relação acabava por se desintegrar. Acabara por ter de reconhecer que não era material para relações. Mas isso não significava que fosse um monge, não obstante os últimos oito meses.

Ela vestiu a blusa e olhou em redor, depois enfiou os pés nos sapatos. Aproveitando a deixa, ele levantou-se e vestiu as calças de ganga e a t-shirt.

— Sim? — perguntou ele, reparando na forma interrogativa como ela o olhava.

— A verdade é que estava a começar a pensar que talvez estivesses numa relação.

— O quê? Porquê?

Ela encolheu os ombros.

— Ficaste tão calado durante uns momentos que me interroguei se te tinha avaliado erradamente. Pensei que talvez fosses casado e te sentisses culpado.

*Culpado.*

A palavra ressoou em redor da sua cabeça e ele gemeu.

— Sim, podes dizer isso.

— Oh, *diabo*. A sério?

— Não — disse ele apressadamente. — Isso não. Não estou a enganar uma mulher inexistente. Não o faria. Nunca. — E sobretudo porque Reece nunca teria mulher, uma vez que achava a instituição do casamento um embuste, mas não via a necessidade de o explicar a Megan.

— Mas em relação a culpa? — prosseguiu. — Sim, esta noite tenho-a aos montes.

Ela descontraiu-se ligeiramente.

— Hum. Bem, lamento pela culpa, mas estou contente acerca do resto. Tenho regras e considero-me uma boa avaliadora de personalidades. Fico danada quando me engano.

— Não te quero aborrecer.

— Oh, não me aborreces. Consigo ser uma verdadeira cabra. — Ela sentou-se na beira da cama e olhou-o enquanto ele enfiava as botas. — Mas se não estás a esconder uma mulher no sótão, porque é que te sentes culpado? Posso assegurar-te que, se estiver relacionado com a minha satisfação, não precisas de albergar qualquer tipo de sentimento de culpa.

Ela ostentou um sorriso maroto e ele não conseguiu impedir-se de lhe sorrir em resposta. Não convidara uma mulher para a sua cama durante oito longos meses. Pelo menos tivera a sorte de escolher uma de quem realmente gostava.

— É só porque sou um péssimo amigo — admitiu ele.

— Duvido que seja verdade.

— Oh, podes ter a certeza — asseverou ele enquanto introduzia a carteira no bolso traseiro. A ironia, é claro, era que tanto quanto Jenna sabia ele era um excelente amigo. O melhor. Um dos seus dois pseudo-irmãos com o qual fizera um juramento de sangue no verão após o 6.º ano, quase 20 anos antes.

Do ponto de vista de Jenna, Reece estava ao mesmo nível que o Brent, apesar de este ter ganhado pontos de bónus porque a fora buscar ao aeroporto enquanto Reece tentava esquecer os seus próprios demónios através do sexo. Tentar qualquer coisa, na verdade, que exorcizasse a memória de como ela se agarrara a ele naquela noite, as suas curvas sedutoras e a sua respiração intoxicante, e não apenas devido ao facto de terem bebido demais.

Ela confiara nele para ser o seu cavaleiro andante, o seu nobre salvador, e tudo o que ele conseguira pensar era na sensação do seu corpo, suave e quente contra o dele, enquanto a carregava escadas acima, até ao apartamento dela.

Um desejo selvagem atingira-o naquela noite, como uma enorme onda de emoções a rebentar sobre ele, levando consigo a concha exterior da amizade e não deixando mais do que desejo cru e um anseio tão intenso que quase o pôs de joelhos.

Fora necessária toda a sua força para guardar distância dela, quando a única coisa que desejava era cobrir cada centímetro do seu corpo nu de beijos. Acariciar a sua pele e vê-la retorcer-se de prazer.

Vencera uma dura batalha quando se sobrepusera ao seu desejo naquela noite. Mas a sua vitória não o isentara de ferimentos. Ela trespassara o seu coração quando adormeceu nos seus braços, sussurrando que o amava — e ele sabia que ela se referia ao estatuto de amigo.

Mais do que isso, ele soube que fora o maior idiota que alguma vez vivera.

Felizmente, Jenna não se lembrava de nada em relação a essa noite. O álcool roubara-lhe as recordações, deixando-a com uma ressaca descomunal e a ele com um buraco em forma de Jenna no coração.

— Então? — insistiu Megan. — Vais contar-me? Ou tenho de adivinhar?

— Deixei ficar mal uma amiga.

— Sim? Isso provavelmente não te dará pontos a ganhar na competição de Amigo do Ano, mas não me parece demasiado dramático. A menos que fosses o padrinho e desses cabo do casamento? Deixado alguém à espera à beira da estrada algures no Texas Ocidental? Ou prometido alimentar o gato e teres-te esquecido por completo? Oh, meu Deus. Por favor diz-me que não mataste o *Fluffy*.

Ele devolveu-lhe uma gargalhada, sentindo-se ligeiramente melhor.

— Uma amiga chegava hoje e sinto-me tremendamente mal por não a ir buscar ao aeroporto.

— Bem, sempre há táxis. E acredito que ela seja adulta?

— É, e outro amigo foi lá buscá-la.

— Compreendo — retorquiu ela, e o modo como moveu lentamente a cabeça sugeriu-lhe que vira demasiado. — Imagino que essa *amiga* seja uma *namorada*? Ou não. Tu não farias isso. Então deve ser uma ex.

— Na verdade, não — assegurou-lhe ele. — Apenas uma amiga. De toda a vida, desde o 6.º ano.

— Oh, já percebi. Amiga de toda a vida. Grandes expectativas. Ela vai ficar danada.

— Não. Ela é fixe. Além disso sabe que habitualmente trabalho à noite.

— Então qual é o problema?

Ele fez deslizar a mão pela cabeça rapada, os cabelos de um dia como lixa contra a palma da sua mão.

— Diabos me levem se sei! — mentiu ele, forçando depois um sorriso, porque se o seu problema era culpa ou luxúria ou simples estupidez, ela não merecia ser a recetora dos seus problemas.

Ele chocalhou as chaves do carro.

— Que tal se te pagar uma última bebida antes de te levar a casa?

— Tens a certeza de que não te importas com uma bebida no meu local de trabalho? — perguntou Reece enquanto ajudava Megan a sair da sua preciosa carrinha vintage *Chevy* azul-bebé. — Habitualmente não te traria para aqui, mas acabámos de contratar um empregado de bar e quero ver como correm as coisas.

Estacionou num dos cobijados lugares na Sixth Street, a cerca de um quarteirão do The Fix, e olhou automaticamente na direção do bar, cuja montra brilhante lhe transmitiu uma sensação de calma automaticamente. Embora não fosse o dono, aquilo era como uma segunda casa para ele e era-o há muitíssimo tempo.

— Está um novo tipo a estagiar e não estás lá? Pensava que me tinhas dito que eras o gerente?

— Disse, e sou, mas o Tyree está lá. O dono, quero dizer. Ele está sempre presente quando alguém novo começa. Diz que é a sua função, não a minha. Além disso domingo é o meu dia de folga e o Tyree é irredutível quanto ao cumprimento do horário.

— OK, mas então por que razão lá vais?

— Honestamente? O tipo novo é meu primo. Ele provavelmente vai aborrecer-se por eu vir controlá-lo, mas hábitos antigos são difíceis de eliminar. — Michael tinha quase 4 anos quando o pai, Vincent, morreu. Uma perda tremenda. Aos 16 anos, Reece tentara ser estoico, mas o tio Vincent fora como um segundo pai para ele, e sempre pensara em Michael mais como um irmão do que primo. Fosse como fosse, desse dia em diante ele tomara para si a tarefa de olhar pelo miúdo.

— Não, ele vai gostar — disse Megan. — Tenho uma irmã mais nova e ela queixa-se quando a controlo mas é só para inglês ver. Ela gosta de saber que a protejo. E quanto a beber uma bebida no teu local de trabalho, não me importo nada.

Regra geral, as noites de domingo eram mortas, tanto no bar como na Sixth Street, a popular rua da baixa de Austin que era um ponto focal da vida noturna da cidade há décadas. Esta noite não era exceção. Era 1h30 e a rua estava quase deserta. Apenas alguns carros a circularem lentamente, com os faróis a brilhar em direção a oeste, e alguns casais tropeçando e rindo. Provavelmente, turistas de regresso a um dos hotéis da baixa.

Porém, estava-se no final de abril e o tempo primaveril atraía tanto locais como turistas. Em breve a zona — e o bar — estaria a rebentar pelas costuras. Mesmo numa noite calma de domingo.

Localizado apenas a alguns quarteirões de Congress Avenue, a principal artéria da baixa, The Fix on Sixth atraía uma saudável mistura de turistas e locais. O bar existia de uma forma ou de outra há décadas, tornando-se um marco local, apesar de se ter degradado até Tyree ter adquirido o estabelecimento, há seis anos, e começado a reanimá-lo.

— Nunca aqui estiveste? — Reece perguntou quando fez uma pausa em frente das portas de carvalho e vidro onde se via gravado o logótipo familiar do bar.

— Só me mudei para a baixa no mês passado. Morava em Los Angeles antes.

As palavras atingiram Reece com uma força inesperada. Jenna estivera em Los Angeles, e uma onda de desejo e arrependimento abateu-se sobre ele. Devia ter ido com Brent. Que raio de amigo era ele, a punir Jenna por não conseguir controlar a sua libido de treta?



Com esforço recuperou o controlo do seu pensamento. Já batera demasiado no ceguinho.

— Anda — disse ele, deslizando um braço em redor dos ombros dela e abrindo a porta com a outra mão. — Vais gostar.

Ele conduziu-a para o interior, respirando o odor familiar que era uma mistura de álcool, cozinha sulista e algo indiscernível que ele gostava de pensar como sendo o odor a momentos bem passados, ora essa. Como esperava, o local estava quase vazio. Não havia música ao vivo aos domingos à noite, e a menos de uma hora do fecho havia apenas três clientes na sala da frente.

— Megan, apresento-te o Cameron — disse Reece, puxando-lhe um banco enquanto acenava para o empregado de bar em jeito de apresentação.

Ao fundo do bar, viu Griffin Draper, um cliente habitual, erguer a cabeça, a face obscurecida pelo capuz, mas com a atenção fixa em Megan enquanto ela falava com Cam sobre os vinhos da casa.

Reece cumprimentou-o com um aceno, mas Griffin voltou a atenção para o seu caderno de notas de forma tão branda e displicente que Reece se interrogou se ele não estivera apenas a mirar o vazio, sem ter dado por Reece ou Megan. Provavelmente era o que tinha acontecido. Griff escrevia um popular *podcast* que se tornara numa ainda mais popular série da Internet, e quando não estava a gravar diálogos, estava habitualmente a escrever um guião.

— Então, onde está o Mike? Com o Tyree?

Cameron fez uma expressão que o fez parecer mais jovem do que os seus 24 anos.

— O Tyree já foi embora.

— Estás a brincar. Aconteceu alguma coisa com o Mike?

O primo era um rapaz responsável. Certamente não lixara de algum modo o seu primeiro dia de trabalho.

— Não, o Mike é ótimo. — Cam pousou um copo de uísque em frente de Reece.

— Esperto, rápido, trabalhador. Saiu há cerca de uma hora. Desencontraram-se.

— O Tyree reduziu-lhe o turno?

Cam encolheu os ombros.

— Creio que não. Ele devia ficar até ao fecho?

— Sim. — Reece franziu a testa. — Devia. O Tyree disse por que razão o mandou embora?

— Não, mas não te preocupes. O teu primo ajusta-se bem aqui. Provavelmente apenas por ser domingo e haver pouca gente. — Fez uma careta. — E como o Tyree saiu com ele, adivinha quem vai fechar pela primeira vez sozinho.

— Então estás na berlinda, hã? — Reece tentou soar descontraído e inclinou-se contra o balcão, esperando que a sua postura informal não lhe desse a entender que estava preocupado. Porque estava, mas não queria que Cam se apercebesse. Tyree não deixava os empregados fazer o fecho sozinhos. Não antes de passar semanas a treiná-los.

— Disse-lhe que quero o cargo de assistente de gerente ao fim de semana. Penso que esta seja a sua forma de ver como trabalho sob pressão.

— Provavelmente — concordou Reece sem convicção. — O que disse ele?

— Honestamente, muito pouco. Atendeu uma chamada no escritório, disse ao Mike que ele podia ir para casa, depois, cerca de 15 minutos mais tarde, disse que tinha de ir embora também e que eu era o homem da noite.

— Problemas? — perguntou Megan.

— Não, estou só aqui a falar com o rapaz — retorquiu Reece, surpreendido com o tom descontraído da sua voz. Porque o cenário era claramente o de um problema. Só não sabia de que tipo seria.

Concentrou-se novamente em Cam.

— E o pessoal de servir às mesas?

Normalmente, Tiffany estava no bar principal a atender os clientes sentados às mesas.

— Não os mandou para casa também, pois não?

— Oh, não — disse Cam. — A Tiffany e a Aly ficam até ao fecho e estão lá atrás com...

Mas as últimas palavras foram abafadas por um «Estás aqui!» curto e agudo e Reece ergueu os olhos para encontrar Jenna Montgomery — a mulher que ele desejava — a entrar a correr na sala, atirando-se para os seus braços.

## CAPÍTULO 2

---

— Pensei que só te veria amanhã. — O entusiasmo estava patente na sua voz, e ela agarrava-se a ele com uma ferocidade alegre. Os braços apertados em redor do seu pescoço e as pernas — tonificadas pelos anos a pedalar pelas colinas de Austin — rodearam-lhe a cintura como um torno. — Que surpresa fantástica!

Quando ela se lançara sobre ele — com o longo cabelo ruivo a esvoaçar —, ele recuou com a força do seu entusiasmo, apertando os braços em redor dela como reflexo. Agora ele continuava a mantê-la contra si, desfrutando do delicioso momento roubado, com as suas curvas suavemente pressionadas contra ele e o bater do seu coração a reverberar através dele. Ela estava tão perto que ele conseguiria contar-lhe as sardas, e a sua respiração intoxicante cheirava a lima, a *Corona* e a rum. Tal como naquela noite.

— *Loaded Coronas* — murmurou ele, o corpo apertado com a recordação dessa outra ocasião em que a estreitara contra si e aspirara o aroma inebriante.

— O Cam fez-me um. — Ela afrouxou o abraço e tudo o que ele pôde fazer foi largá-la de modo a que deslizasse dos seus braços. Devia ter sido fácil. Em vez disso, pareceu-lhe que estava a agarrar um fio sob tensão, trazendo ao de cima todos os selvagens e quentes impulsos que ele tanto se esforçara por suprimir.

Ela começou a contorcer-se, obviamente com o objetivo de deslizar ao longo do seu corpo, basicamente usando-o como um varão de uma *stripper*. Não que Jenna pensasse nisso dessa forma. Estava apenas a pôr-se de pé. Mas durante o processo ela iria, sem dúvida, sentir a prova da perigosa direção para onde a mente dele fugira.

Isso, pensou ele, seria muito mau.

Por isso, com um esforço heroico, fechou as mãos em redor da cintura de Jenna e pousou-a no chão, mantendo distância suficiente entre eles de forma a não existir contacto entre o corpo dela e o seu baixo ventre.

— Na verdade — prosseguiu ela, como se não tivesse havido qualquer interrupção na conversa —, acho que o Cam tem de preparar outro. Ela piscou o olho a Reece, os olhos verdes a brilhar. — São verdadeiramente espantosos.

— Espantosos — repetiu ele, estreitando os olhos em divertida e zombeteira reprovação. — Acho que me lembro de me dizeres que eram bebidas traiçoeiras e perigosas e que eu era um génio malvado por tê-las inventado.

Ela encolheu os ombros casualmente, enquanto se dirigia para o bar onde Cameron retirava a espuma de uma *Corona* fresca antes de a acabar de preencher com rum. O cabelo pela altura dos ombros e dividido ao meio parecia línguas de fogo cercando-a.

— São. E tu és. Contudo, são terrivelmente deliciosas — anunciou Jenna. — Além disso, o meu voo foi horrível. Mereço isto. — Pegou na bebida que Cameron acabara de preparar, deu-lhe um longo trago, e produziu o tipo de barulho de satisfação que um homem gosta de ouvir uma mulher fazer na cama.

Reece mudou novamente de posição, tentando dissuadir o seu pénis de chamar a atenção, e sentiu um metafórico banho de água fria quando Megan se fez ouvir ao seu lado, os olhos dançando de divertimento.

— Acho que esta é que é a amiga que chegou de avião esta noite?

— Exatamente — respondeu Jenna, avançando a mão para Megan. — Chamo-me Jenna. E acho que tu és a razão pela qual o meu alegadamente melhor amigo me deixou pendurada.

Do fundo do bar, Reece ouviu Griff abafar uma gargalhada. Revirou os olhos e fez uma carranca para Jenna.

— Vá lá, Jen. Sabes que eu...

Mas Jenna levantou uma mão, cortando-lhe a palavra.

— Estou a arrelhar-te. O Brent é perfeitamente capaz de me ir buscar. E de qualquer maneira parece que tu tinhas outros planos — acrescentou ela, olhando para Megan com um ar que parecia de aprovação antes de dar um novo grande gole.

Sentiu um aperto. Ele queria dizer-lhe que Megan era uma rapariga fantástica, mas que não era a *sua* rapariga. E naquele momento, esclarecer isso parecia a coisa mais importante do mundo.

Felizmente, deteve o impulso idiota e mudou completamente de assunto.

— Falando do Brent, onde está ele?

Jenna virou-se para trás, provavelmente para procurar Brent e chamá-lo. Mas antes de ela responder, Megan ofegou.

— Jenna? — A sua voz era de incredibilidade. — Meu Deus, pareceu-me reconhecer-te. Organizaste o casamento dos Kempinski, não foi?

Durante um momento, Jenna pareceu confusa, depois os olhos abriram-se mais.

— Megan Maquilhagem! Que raio estás a fazer em Austin? E já agora, o que andas a fazer enrolada com esse? — Espetou o polegar em direção a Reece, a voz provocadora.

— Megan Maquilhagem? — repetiu Reece. — Que diabo?

— Ela é maquilhadora — Jenna olhou de Megan para Reece. — Não sabias?

Os lábios de Megan contraíram-se ao mesmo tempo que pegou na mão de Reece.

— Digamos que ainda nos estamos a conhecer um ao outro.

Jenna ergueu as sobrancelhas e olhou para Reece. Parecia divertida, mas Reece não partilhava da emoção.

— Conhecemo-nos em Los Angeles — disse ela. — A Megan trabalhou para o meu primeiro e único evento para a maldita Empresa Cujo Nome Não Deve Ser Dito — explicou Jenna e acabou a sua bebida.

— Oh, foste apanhada na confusão? — perguntou Megan. — Lamento imenso.

Cam deixara o balcão para fazer a conta de dois clientes sentados a uma mesa. Agora eles estavam a sair e ele ficara para trás a dividir o dinheiro entre a caixa registadora e a caixa das gorjetas.

— Que confusão? — perguntou ele enquanto desejava boa-noite aos clientes com um aceno. — O que aconteceu?

— Uma história longa e triste — disse Jenna, subindo para um banco. Empurrou a garrafa vazia de *Corona* em direção a Cam. — Acho que preciso de outra rodada disto antes de desenterrar tudo isso. E antes que todos nos transformemos em abóboras na hora do fecho.

Cam olhou para Reece, que encolheu os ombros.

— Desde que ela pague e não vá conduzir, não digo que não a um cliente. Quanto à triste e longa história...

Jenna encolheu os ombros.

— OK, está certo. Não é assim tão longa. Uma cretina de uma empresa atraiu-me a Los Angeles com a promessa de grandes oportunidades. Depois abriu falência. Não consegui encontrar outro trabalho decente porque não tenho a experiência que devia ter obtido dos Malditos Filhos Da Mãe Que Serão Amaldiçoados. Depois o meu senhorio diz-me que tenho de me mudar porque ele vai vender o edifício. E a cereja em cima do bolo, o meu carro avaria e arranjar-lo custaria mais guto do que aquele que eu tenho na minha magra conta bancária — fez uma careta. — Por isso vendi-o por quase nada, usei o dinheiro para comprar um bilhete de avião, virei costas e fugi — ou antes *voei* — para casa, para os meus amigos e a minha família. Fim de história chorosa. — Virou a cabeça para olhar para Megan — e contigo? Como acabaste a morar em Austin?

— A minha história não é comprida nem interessante — disse ela. — Apaixonei-me pelo tipo errado. *Bum*. Fim.

— Não esse tipo, espero eu — Jenna estreitou os olhos em direção a Reece. — Porque posso dar-lhe uma tarefa se tu precisares.

— Não o conheço suficientemente bem para identificar os seus defeitos — disse Megan. Do fundo do bar, Reece ouviu Griff rir de novo. — Mas o que preciso de saber agora mesmo é o que há nestas coisas? — Agarrou numa das *Loaded Coronas* que Cam alinhara no balcão.

— Experimenta — instou Reece, contente por ela ter mudado a direção que a conversa tomava. Jenna tinha tendência para se armar em casamenteira, e Reece e Brent eram os seus projetos favoritos. Antes não o incomodava. Agora não conseguia aguentar a ideia de Jenna o empurrar na direção de alguém.

— São uma invenção minha — disse ele a Megan, agarrando uma garrafa para si e sentando-se num dos bancos altos do bar. — E tornaram-se favoritos no menu do bar. Queres uma, Griff? — exclamou ele para o fundo do bar. — Por conta da casa.

— Não, obrigado — respondeu Griff, virando ligeiramente a cabeça, mas mantendo o rosto na sombra. — Estou bem.

Reece quase insistiu. Sabia perfeitamente que Griff adorava aquela bebida. O que significava que ou já bebera demasiado de qualquer outra bebida, ou não queria que Megan visse as cicatrizes que marcavam o lado direito do seu rosto e corpo. Mas sabendo que Griff habitualmente tomava apenas um *bourbon*, seguido de um fluxo constante de refrigerante quando vinha trabalhar para o bar, Reece apostava mais na última razão.

Griff mudara-se para Austin há quase dois anos e ele e Reece tinham simpatizado. O círculo de amigos fora rapidamente alargado para incluir Brent, Jenna e Tyree. Presentemente, quase toda a gente que trabalhava no *The Fix* conhecia as suas cicatrizes e nem pestanejava. Mas isso não se estendera aos desconhecidos e, apesar de Reece acreditar que Megan não deixaria transparecer a surpresa, não queria forçar Griff a sair da sua zona de conforto.

— São perigosos. — Jenna alertava Megan quando Reece voltou à conversa. — Atenção ao ritmo.

— Rum, *Corona*, lima com sal — Reece replicou. — O que há de perigoso nisso?

— São demasiado saborosas. Como sabes perfeitamente. — Encostou-se para trás no banco, girando-o até se encontrar virada para ele. Depois, ergueu descontraindo um pé e descansou-o sobre o assento do banco em que ele estava sentado

— o que o colocava exatamente entre as suas pernas. Calçava sandálias de cunha que deixavam à mostra as unhas dos dedos dos pés pintadas e ele teve de recorrer a toda a sua força mental para se concentrar no que ela estava a dizer e ignorar as fantasias sobre o que ela poderia fazer com aqueles pés tremendamente sensuais.

— Embebedei-me com isso — prosseguiu ela. — Foi na noite antes de me ir embora para Los Angeles e estava tão nervosa que bebi umas atrás das outras... — interrompeu-se e encolheu os ombros

— E então? — perguntou Cam inclinando-se para a frente

— Não faço ideia. Apaguei completamente. — Jenna sorriu e pestanejou. — Ele jura que não se aproveitou de mim, mas nunca se sabe...

— Por amor de Deus, Jenna — interrompeu Reece. — Por que raio dirias...

— Desculpa, desculpa! — Ela ergueu as mãos com um pedido de desculpas, depois dirigiu um sorriso fraco a Megan. — Estava a brincar. Reece nunca faria algo de semelhante. Certamente não comigo... quero dizer, ele vê-me como uma irmã. Mas nem com outra pessoa o faria. Ele é um dos bons.

— Acredito — disse Megan, a expressão terna a recordar-lhe a razão pela qual levá-la para casa nessa noite tinha parecido uma boa ideia.

Suavemente, Reece empurrou o pé de Jenna e depois ergueu-se.

— Acho que está na altura de falar de coisas sérias. Cam, o Tyree explicou-te o procedimento para fechar o bar, certo?

— Hum, na verdade, não. Já te disse. Ele limitou-se a ir embora.

A preocupação de Reece, que se atenuara durante a brincadeira com Jenna e Megan, fez-se de novo sentir.

— Estás a dizer-me que o Tyree, o dono deste bar e único gerente no local nessa altura, se limitou a ir embora, deixando um empregado que nunca antes fez o fecho sem quaisquer instruções sobre o que fazer?

Cam curvou os ombros, parecendo mais jovem que os seus 24 anos.

— Hum, foi mais ou menos isso.

Reece disse a si mesmo que tinha de se manter calmo. Ainda não se tratava de uma crise.

— Onde disseste que estavam a Aly e a Tiffany? — perguntou, referindo-se às empregadas de mesa.

— Estão lá atrás a preparar as coisas — respondeu Jenna. — Estava a falar com elas quando te ouvi chegar.

— O Brent está lá atrás também? — Reece ficou surpreso por não o ter perguntado antes. Mas ficara tão emocionado ao ver Jenna, e tão preocupado com Tyree, que não se interrogara onde raio estaria Brent.

— O Brent foi para o escritório para verificar algo logo depois de ter chegado com a Jen — disse Cam enquanto começava a limpar o balcão. Ele parecia mais calmo agora que tinha uma resposta sólida para a pergunta. — Depois, cerca de meia hora atrás apressou-se a sair. Não disse onde ia. Só que tinha de verificar algo, mas... — arrastou-se com um encolher de ombros. — A Jenna diz que ele é a boleia dela, por isso penso que deva regressar em breve. Sabe que vamos fechar.

Os alarmes que estavam a tocar suavemente na cabeça de Reece começaram a bramir. Primeiro Tyree, depois Brent. E tendo em consideração que Brent era responsável pela segurança do bar, se ele via que havia uma problema, então Reece tinha toda a justificação para se preocupar.

Não que ele pudesse fazer fosse o que fosse naquele momento. O melhor era ocupar o seu cargo e certificar-se de que tudo ficava tratado.

— Certo, então. Cam, começa a fazer o que fazes habitualmente no final do turno. Griffin, vais-te embora ou ficas até fechar?

Griff bateu no caderno com a caneta.

— Só um pouco mais, se não te importas, depois desapareço.

— Não há pressa — assegurou Reece, e depois virou-se para Jenna.

— Importas-te de dizer à Aly e à Tiffany que eu volto já. Mas elas que acabem o que estão a preparar e digam ao Cam quando terminarem. Depois podem ir embora. Se eu ainda não tiver regressado, vejo-as a ambas no próximo turno.

— Claro, mas o que queres dizer com já voltas? Onde vais?

— Vou levar a Megan a casa. Desculpa, a noite não correu como esperávamos — prosseguiu ele dirigindo agora a sua atenção para Megan. — Pensei que só iríamos tomar uma bebida e ver o meu primo. Não esperava... bem, nada disto.

— Não há problema — ela inclinou-se para a frente e deu-lhe um beijo na face. — A sério.

Ele engoliu e depois notou que Jenna o fitava. Não com a sua habitual expressão efervescente. Agora parecia pensativa; e ele não podia deixar de imaginar que questão estava ela a tentar resolver.

— Certo. — Limpou a garganta. — Estou de volta num instante — disse a Cam e a Jenna. — Estás pronta? — perguntou, dirigindo-se a Megan.

— Sim, mas vivo na Railyard — disse ela, referindo-se a um condomínio a apenas alguns quarteirões na Fourth Street. — Se precisas de trabalhar posso ir sozinha.

— Às duas da manhã? Que se lixe. Eu levo-te.

Pensou que ela pudesse argumentar, mas tudo o que fez foi oferecer-lhe o seu braço. Tinham acabado de dirigir-se para a saída quando a porta se abriu de



repente e Brent entrou disparado, com uma expressão tensa, as mãos cerradas e os olhos castanhos a brilhar de uma fúria contida.

— O que se pa... — começou Reece, mas Brent interrompeu-o bruscamente.

— Temos de falar.

— Eu vou a pé até casa — disse Megan largando-lhe o braço e sorrindo suavemente. — A sério, eu fico bem. Faço sempre isso.

— Não — Reece ergueu um dedo para pedir a Brent que aguardasse um segundo e voltou a sua atenção para Megan. — Porque é que tu não...

— Eu levo-a a casa — disse Griff com firmeza. Pôs-se de pé e dirigiu-se para Megan, suficientemente perto para que ela não pudesse evitar ver as cicatrizes escondidas nas sombras do seu capuz. — O meu carro está estacionado perto de Railyard, e está na altura de me ir embora seja como for. — Encolheu os ombros. — Isto se te parecer bem?

— Sim, por mim tudo bem — disse ela, sem a menor hesitação. Olhou para Reece. — É teu amigo, certo? Porque a minha mãe avisou-me para não falar com desconhecidos.

— Griffin Draper — disse Griff. — E sim, Reece responde por mim. — Ele estendeu a mão direita, igualmente coberta de cicatrizes, e Reece não conseguiu deixar de pensar que ele a estava a testar. Uma vez que ela lha apertou, ele pensou que tinha passado o teste.

— Obrigado, Griff. — Reece deu uma palmada nas costas do amigo. — Agradeço-te.

— Esta noite foi divertida — disse Megan a Reece, colocando-se em bicos de pés para lhe dar um beijo no rosto. — Tomamos um copo em breve?

— Sem dúvida — respondeu, forçando-se a não olhar para Jenna. E ao mesmo tempo lembrando-se de que isto era bom. Isto era o que ele precisava. Uma mulher na sua vida para um pouco de divertimento, um pouco de sexo. Uma mulher que era boa na cama e despreocupada com a vida.

Uma mulher que não tinha expetativas, sem planos e sem interesse em envolver-se.

Mais importante, uma mulher que não era Jenna.

— Cam, fecha a porta e termina — ordenou Brent no momento que desapareceram na esquina. Apontou para Reece. — E tu, anda ter comigo ao escritório. Temos de falar.

— Trata-se do Tyree, penso eu? — disse Reece assim que Jenna fechou a porta atrás deles. Brent não a convidara abertamente, mas eles seguiam os hábitos antigos, e os três formavam uma equipa. — Que raio se está a passar?

— É o Elijah? — perguntou Jenna referindo-se ao filho de Tyree, com 16 anos. A mãe, mulher de Tyree, morrera num acidente de automóvel sete anos antes e ambos tinham passado um mau bocado durante algum tempo. Mas tanto quanto Reece sabia, estavam os dois melhor, e Eli era bem-sucedido na escola.

Brent apertou a cana do nariz.

— É o bar — disse ele, a voz pesada de emoção. — Ele está a ponto de perder tudo isto.

## CAPÍTULO 3

---

— Que diabo? — Jenna atirou-se para uma das duas cadeiras porque os seus joelhos tinham-se dobrado de surpresa. — Perder o The Fix? Como é possível uma coisa dessas?

Ao lado dela, Reece passou a mão pela cabeça rapada, a boca a curvar-se numa expressão sisuda. Decidira rapar o seu espesso cabelo preto mesmo antes de ela se ter mudado de Austin para Los Angeles há oito meses. Na verdade, uma das últimas coisas de que Jenna se recordava da noite da bebedeira antes de se mudar para Los Angeles era de esfregar a sua mão contra o couro cabeludo dele, e depois dizer que tinha de o beijar para dar sorte.

Para ele — e Jenna tinha a certeza disto —, a carícia era inocente.

Para ela, o beijo despertara-lhe fantasias decadentes sobre o que poderia acontecer se ele virasse o rosto para cima e ela lho desse nos lábios em vez de na sua cabeça. E a imaginação de Jenna fervilhava deste então.

Não que ela alguma vez tivesse chegado suficientemente perto desse fogo para o sentir queimar. Era um fogo que tinha de ser mantido encerrado no reino da fantasia.

Reece e Brent eram os seus melhores amigos. Os seus pilares, as suas âncoras. E nunca faria nada para arruinar a relação entre ambos. E, além disso, ela nunca pensara em Reece dessa maneira.

Exceto que, aparentemente, pensava. Especialmente depois *daquela* noite.

A noite antes de partir para Los Angeles, quando fora sair com amigos, beber e dançar, com especial ênfase no beber. Brent tivera de ir embora mais cedo para resolver um pequeno problema e Reece levava-a a casa, depois carregara-a escadas acima para o seu apartamento, uma vez que ela há muito tinha ultrapassado a capacidade para fazê-lo sozinha.

Ele agarrara-a — cuidara dela — e quando ela caíra de cabeça no sono, os pequenos demónios que viviam no álcool tinham arrancado correntes de luxúria dos seus pensamentos inocentes e tecido uma tapeçaria de lasciva decadência que se infiltrara nos seus sonhos, fazendo-a acordar na manhã seguinte carente, frustrada e mais do que um pouco embaraçada.

Isso acontecera há oito longos meses. Mesmo assim sentia as faces queimar com a recordação nesse exato momento. Contorceu-se numa das cadeiras que Tyree tinha para os convidados, cruzando e descruzando as pernas, com a inoportuna recordação a provocá-la. Deitou um olhar de esguelha e surpreendeu-se com Reece a olhar para ela, de sobrolho franzido como se ela fosse um quebra-cabeças. Ou pior, como se conseguisse ver através das suas faces rosadas e os seus pensamentos vermelhos de luxúria.

— Eu não... — Calou-se, sem saber o que planeava dizer. Não importava. Ele nem a ouviu, e ela apercebeu-se de que a sua expressão se devia ao dilema de Tyree e não porque as suas faces estavam ruborizadas sob as sardas.

*Duh.*

— Trata-se de uma execução hipotecária? — Reece dirigiu a pergunta a Brent, depois encostou-se à prateleira de livros danificada, os braços cruzados sobre o peito. — Sei que as receitas estão difíceis; a concorrência na baixa é uma loucura, mas não pensei que fosse tão mau que ele não pudesse pagar a hipoteca.

— Não deveria ser — disse Brent. — Mas aparentemente tem até ao final do ano para pagar o total da hipoteca; e não devem ser uns trocos. Se ele não conseguir, é *adios* a isto tudo.

— É de loucos. — Jenna olhava de um para o outro. — Tens a certeza?

— Vim aqui para reiniciar as câmaras de segurança, e acidentalmente bati no rato. — Sendo ex-polícia, Brent era responsável pela segurança do bar. Tudo desde acompanhar arruaceiros a examinar identificações manhosas e verificar as referências dos empregados. E, naturalmente, ele certificava-se de que o vídeo de segurança estava sempre a funcionar.

— A carta de pedido estava no ecrã. Não a devia ter lido, mas...

— O diabo é que não devias — disse Jenna. — De que outra forma irias saber que ele precisa de ajuda? — Virou o banco de modo a fazer contacto visual com os dois. — Vamos ajudar, certo?

— Claro que sim — responderam ambos em uníssono, fazendo-a sorrir.

— A questão é como — acrescentou Reece.

— E por que razão necessita de ajuda em primeiro lugar — juntou Brent.

Reece deu um passo na sua direção.

— Mostra-me a carta. Talvez haja algo de relevante no texto que deixaste escapar.

— Não posso — disse Brent, baixando-se até à cadeira da secretária de Tyree com um suspiro. — O disco rígido entrou em pausa quando fui ter convosco, e agora não posso entrar sem a palavra passe. Não sei porque não estava bloqueado antes, mas todos sabemos que este computador é uma porcaria.

Jenna abafou uma gargalhada. Era verdade. Ela trabalhara como empregada de mesa no The Fix quando estava a terminar a faculdade e Tyree costumava deixá-la fazer trabalhos da escola durante as suas pausas. O computador era um animal antigo, mas ele recusava-se a substituí-lo, dizendo sempre que qualquer dinheiro que sobrasse tinha de ir para o bar ou para o fundo universitário de Elijah. Enquanto o computador trabalhasse, ele não precisava de uma atualização moderna.

— Talvez ele se tenha atrasado nos pagamentos? — sugeriu Reece, mas Jenna ouviu a incredibilidade na sua voz, e ela também sabia que não seria verdade. Não conhecia Tyree tão bem como Reece ou Brent, mas tinha a certeza de que o eficiente ex-militar nunca deixaria isso acontecer.

— Bom, algo se passou — disse Brent. — Mas, sinceramente, são quase 3 horas e tenho de pagar a babysitter.

Levantou-se, depois esfregou o queixo e a barba bem aparada com a mão.

— Porque não falamos ao pequeno-almoço amanhã? Deixo a Faith no jardim-escola, vou correr e estou de volta às 9 horas nas calmas.

Reece assentiu.

— Parece-me bem. Vou ficar aqui mais um pouco; certificar-me de que está tudo pronto para amanhã.

Brent deu-lhe uma palmada no ombro.

— O dever sagrado do gerente de bar. — Apontou um dedo para Reece — Não te esqueças de ver o alarme. E tu — acrescentou, fazendo um gesto para que Jenna o seguisse — estás comigo.

— Certo — disse ela, erguendo-se e andando em direção à porta. Reece fez o mesmo, e ambos originaram um pequeno engarrafamento. Ela mudou de posição, roçando-se contra ele, o que a fez estremecer com o inesperado choque elétrico que a acometeu daquele contacto inocente.

— Estás bem? — Reece colocou a mão sobre o ombro dela, e quando ela olhou para cima pensou por um momento que se perdera no quartzo fumado dos seus olhos. — Jenna?

— Hã? — Ela pestanejou. — Sim. Estou só... sabes. Não estou habituada ao horário do bar. E com o voo e levantar-me cedo e a viagem e a bebida...

— Em modo zombie — disse ele. — Dorme um bocado e vejo-te amanhã.

— Certo.

Reece começou a puxá-la para lhe dar um abraço, da mesma forma que fizera milhões de vezes ao longo dos anos, mas deteve-se e endireitou-se, depois espreguiçou-se como se tivesse sucumbido à exaustão.

Algo no fundo da sua mente lhe disse que devia estar a fazer confusão. Ou talvez até aborrecida. Possivelmente preocupada. Porque algo não batia certo, de certeza.

Em vez disso, tudo o que ela sentiu foi alívio.

— Amanhã — disse ela firmemente, depois seguiu Reece porta fora.

— Obrigada por me deixares ficar aqui — disse Jenna, enterrando-se no familiar sofá desgastado assim que a babysitter saiu. — A Amanda disse que eu podia ficar na sala dela mas, sinceramente, a ideia de lá dormir enquanto os pais estão em casa... — deteve-se, com um abanar de cabeça. — Gosto muito deles, mas é demasiado próximo para me sentir confortável.

Amanda Franklin e Jenna tinham partilhado quarto em três dos quatro anos de curso na Universidade do Texas, e Amanda era de longe a melhor amiga de Jenna. Igualmente natural de Austin, Amanda ia com frequência à casa no lago dos pais para comer, lavar a roupa e receber abraços efusivos. Jenna acompanhava-a amiúde. Mas mal os Franklins souberam que a única família de Jenna consistia na mãe solteira, que trabalhava demasiadas horas por uma ninharia, passaram a adotar ambas as Montgomeries.

O plano era Jenna ficar em casa de Amanda até arranjar um trabalho e um local para morar. Amanda estava de folga nessa semana e elas iam passar as próximas noites a beber e a assistir a filmes indecentes enquanto comiam massa de bolacha crua.

O plano, contudo, falhara. Os pais de Amanda acabaram por ficar sem a casa devido a um acidente com o esquentador que os obrigou a refazer o pavimento. Em vez de irem para um hotel, decidiram ficar com Amanda.

Jenna adorava Martha e Huey Franklin, mas isso não significava que quisesse ficar no meio da sala onde eles a podiam interrogar pergunta após pergunta sobre por que razão o trabalho em Los Angeles não dera certo (ela fora apanhada no fogo cruzado de uma má gerência) ou o que pensava fazer agora (ela não fazia ideia e a sua conta bancária diminuta estava a deixá-la enjoada).

Preferia ficar com Brent e visitar os Franklins depois de uma boa noite de sono e depois de ensaiar as respostas para todas as suas bem intencionadas mas aflitivas perguntas.

— Fazemos assim — disse Brent — *Eu* durmo na sala e tu ficas na minha cama.

Jenna arrependeu-se logo.

— Não, não. Não era isso que eu queria dizer. Sabes que não.

Ele nem quis ouvi-la, depois seguiu pelo pequeno corredor até à cozinha. A pequena casa no bairro de Crestview, em Austin, era tão antiga que ainda não tinha o piso em planta aberta. Apesar de já não conseguir vê-lo, de onde estava sentada na confortável sala de estar escutava-o a abrir e fechar armários.

— Que diabo, Brent, não te vou tirar da tua cama. Na *tua* sala está ótimo.

— Não estou a dizer que seja para sempre — esclareceu Brent num tom baixo que ela ouviu perfeitamente. — Só hoje. Tu ficas na minha cama. Amanhã a Faith pode começar a dormir comigo. Trazia-a para a minha cama hoje, mas ela nunca mais ia adormecer.

Jenna ergueu-se com esforço do sofá e dirigiu-se para a cozinha, sentando-se a uma pequena mesa de pequeno-almoço perto da janela.

— Não vou expulsar a tua menina da cama.

— É a minha casa, são as minhas regras. — Sorriu ele, revelando a covinha na face esquerda. — Toma — acrescentou, oferecendo-lhe uma chávena de chocolate quente e depois sentando-se à sua frente. — Estás exausta e sabe-lo bem. Dormes melhor na cama. Eu consigo dormir em qualquer sítio.

— Está bem. — Não estava a ceder, mas a batalha teria de esperar, porque a carga de adrenalina que acompanhara as novidades sobre os problemas financeiros de Tyree estava a desvanecer-se, deixando-a demasiado esgotada para argumentar. — Tu não pareces nada cansado.

Ele encolheu os ombros.

— Quando combinas ser pai solteiro com os horários do bar, acabas por te tornar o tipo que se encontra em grande forma nas alturas mais estranhas do dia.

— Talvez, secretamente, sejas tu o Super-Homem — brincou ela, antes de esconder o sorriso no *chantilly* que cobria a sua bebida. Nem sequer era uma comparação exagerada. Ultimamente, ele passava por uma situação similar ao Clark Kent. Uma identidade de Pai Solteiro Simpático da Casa ao Lado que quase eclipsava o seu sedutor bom aspeto.

Mas essa era apenas a imagem que ele mostrava ao mundo agora. Jenna conhecia-o desde sempre. Antes de ele ser polícia. Antes daquela cabra da Olivia.

Jenna vira-o em fato de banho na praia nos tempos da faculdade, a pele brilhante e bronzeada, o corpo tão firme e forte que Jenna estava certa de que todas as outras raparigas na praia se sentiam atraídas.

Durante essa mesma viagem, ela vira Brent e Reece defender um confuso sem-abrigo contra um gangue de locais com ar perigoso. Tinham ido os três para Corpus no fim de semana um verão e tinham-se deparado com um grupo de desordeiros maltratar o homem, roubando a comida do carrinho de supermercado

dele, que muitas vezes fazia de abrigo, e atirando-lhe areia para cima de cada vez que passavam.

Brent tomara a iniciativa, mas Reece acompanhara-o de imediato. Os seus amigos tinham acabado com o desagravo com palavras resolutas e alguns murros bem dados. Fora a primeira vez que ela os vira lutar juntos desde a escola primária, e a forte amizade entre ambos refletira-se na forma como se defenderam um ao outro. Eram muito diferentes. Reece musculoso, tatuado e com barba espessa, mesmo nessa altura. Brent só músculo, forte e rápido.

Susteve a respiração e depois suspirou com a recordação. Eram ambos homens excelentes, já para não mencionar tremendamente bem-parecidos.

*Mas é Reece que tu queres.*

A voz na sua cabeça assustou-a e fê-la empurrar a chávena, ficando com o lábio superior coberto de *chantilly*.

— Estás bem? — Brent colocou-lhe a mão no ombro, e ela esperou que o seu corpo reagisse da maneira que tinha reagido quando se tinha roçado contra Reece. Porque podia ter sido apenas um reflexo. Um arrepio normal para uma rapariga que há tempos não estava com um tipo.

Mas ela não estava a reagir agora. Não houve o arrepio, o estremecimento. Nem vagas de calor ou borboletas no estômago. Apenas ela e Brent e a tranquilizadora pressão no seu ombro.

Nada do que sentira com Reece

Então o que raio significava isso?

— Então? — Ele apertou-lhe o ombro. — Estás aí?

— Desculpa. Estou só... não sei — retorquiu pateticamente, porque dificilmente lhe ia dizer que a sua mente tinha divagado até ao amigo que tinham em comum.

— Estás a desvanecer-te rapidamente — disse Brent, um riso na voz.

— Preciso de dormir. Mas posso ver a Faith primeiro? Se achas que não a vamos acordar.

Um sorriso terno tocou os lábios de Brent, e ela sentiu o coração apertar-se. Ele sacrificara muito por aquela criança e nunca pensara duas vezes antes de o fazer.

Passou a chávena por água, depois deixou-a no corredor antes de o seguir para o mais pequeno dos dois quartos da casa. Ele rodou a maçaneta devagar, depois empurrou a porta, entreabrindo-a.

Uma luz de presença cor-de-rosa dava claridade suficiente para que Jenna pudesse ver a menina descontraidamente deitada de costas, com o lençol e o cobertor afastados. Abraçava um tigre de peluche com um braço e tinha um polegar na



boca. Jenna conseguia ouvir o barulho de sucção de onde se encontravam e sentiu lágrimas picarem-lhe os olhos. Era bom estar de volta a Austin com os amigos.

— Não acredito que ela já tenha 5 anos — disse Jenna quando Brent fechou a porta. — Sinto como se tivesse perdido anos.

— Ela está a crescer depressa. — O orgulho toldou-lhe a voz. Hesitou, depois olhou-a nos olhos. — E apesar de lamentar pelo o teu trabalho, estou contente por estares de volta.

— Estava a pensar no mesmo — admitiu ela à medida que se dirigiam para o quarto. — Estou nervosa em relação ao dinheiro... o mercado de trabalho está uma confusão. Mas também estou contente em estar de volta.

— Vai correr tudo bem — disse ele, afrouxando o braço em redor dela. Ela encostou-se a ele e sentiu-se confortável. Simples. Nada de todo como seria se se encostasse a Reece.

Se fosse esse o caso, a pulsação aumentaria como louca, e todo o seu corpo teria tanta energia a atravessá-la que só ela seria capaz de iluminar toda a região central do Texas

Limpando a garganta, deu o que esperou ser um descontraído passo atrás. Se Brent notou alguma coisa não fez qualquer comentário. Em vez disso abriu a gaveta da cómoda, retirou dela umas calças de pijama e uma t-shirt simples, depois dirigiu-se para a casa de banho.

— Estou de volta num segundo — disse ele fechando a porta atrás de si.

Ela empoleirou-se na beira da cama, a exaustão a lutar com a inquietação.

— O que pensas da Megan? — perguntou ela depois de um bocado.

— Quem?

Foi invadida por uma sensação de alívio; se Brent não sabia quem Megan era, isso significava que não havia nada sério entre ela e Reece.

— A Megan — repetiu ela. — Conheci-a em Los Angeles. Acho que deve andar a sair com o Reece.

— Sim? — Ele saiu da casa de banho envergando o pijama. — Deixa-me arranjar um cobertor e já te trago a mala para aqui.

— Não sabias? Não deve ser nada sério.

Ele dobrou-se para abrir uma arca de madeira, mas olhou para cima, a testa franzida.

— Não gostas dela?

— O quê? Claro que gosto dela — respondeu rapidamente, imaginando exatamente o que o seu tom de voz tinha revelado. Porque ela *gostava* de Megan. Só não a queria a namorar com Reece. O que era estúpido porque ela queria que

tanto Reece como Brent fossem felizes. Com esposas e famílias e casas com cercas brancas.

— Já não era sem tempo, se queres saber — disse Brent interrompendo os seus pensamentos.

— O que queres dizer com isso?

Ele pôs-se de pé, com um monte de lençóis e cobertores nos braços.

— Bem, conheces o nosso amigo. Namoro, coisa séria, acabar. Tão regular como as fases da Lua. Ou era. Não namora há meses. Nem mesmo engates, tanto quanto sei. — Dirigiu-se para a porta e a voz chegou-lhe da sala de estar. — Mas agora há uma mulher nova. Melhor ainda, é uma pela qual podes afiançar. Diria que é um bom sinal. Não achas? — acrescentou ele, regressando com a mala e pousando-a aos pés da cama

— Sim. Claro. — Ela aclarou a garganta detestando a forma como a sua voz soava fraca. — A propósito, com quem tens tu saído?

— Ah, essa é a Rapariga Que Ainda Não Apareceu. — Disse-o numa falsa pronuncia britânica e ela riu-se, sabendo que ele estava a fazer referência, embora que mal, a *Monty Python and the Holy Grail*, um dos filmes que os três tinham assistido em miúdos, convencidos de que estavam a ver algo de arriscado e bastante inapropriado.

— Devias sair mais. Encontrar alguém. A Faith precisa...

— Não me digas que a Faith precisa de uma mãe. De certeza que não precisa de duas do género.

— Não julgues todas as mulheres pela Olivia — disse Jenna, desejando ter mantido a boca calada.

Durante um segundo ela pensou que ele a iria ignorar. Depois respirou fundo e abanou a cabeça.

— Não — disse ele com um sorriso suave. — Não pensaria sequer em fazê-lo. Avançou e deu-lhe uma palmadinha no rosto — Talvez devêssemos fugir para Las Vegas. Tu darias uma excelente mãe.

— É bom que penses que sim — retorquiu. — Também sou boa na cama.

— Bem, temos isso em comum — contrapôs ele, fazendo-a rir.

Ela sabia que ele não estava a falar a sério; e ela não estava sequer tentada, por isso não havia nada que a afligisse nisso.

— Naturalmente que isso seria quebrar o nosso juramento — brincou ele.

Ela fez um M em língua gestual com os dedos e colocou-o sobre a testa, o supostamente sinal secreto que eles tinham inventado no verão em que tinham completado 11 anos.

— Melhores amigos para sempre, certo? Os Três Mosqueteiros.

— Ou três ratos cegos, dependendo do ponto de vista. Mas sim. Um juramento é um juramento.

— Sem dúvida — disse ela suavemente. Olhou para Brent, mas a sua mente estava agarrada a outro homem.

— Chama-me maluco, mas quero casar por amor. E sexo. Mas acima de tudo amor.

Ela pressionou a mão contra o coração, em fingida indignação.

— Estás a dizer que não me amas?

— Amo-te até à Lua. Mas não dessa maneira.

— Eu sei. — Ela inspirou, depois bocejou. — Eu também.

— Estás exausta. — Beijou-lhe a testa. — Agora vai dormir, já passa das 3 horas e o Reece vai chegar cedo.

Ele dirigiu-se para a porta, fechando-a atrás dele. Jenna ficou a olhar em redor do quarto, iluminado pelo clarão ténue da luz da rua filtrada pelas cortinas. Ela queria enrolar-se na cama e apagar. Meia hora antes era o que teria feito. Diabos, mesmo cinco minutos antes. Altura em que se sentira cansada. Aliás, completamente exausta.

Mas depois Brent mencionara Reece e agora o seu corpo estava a ronronar com recordações proibidas a brincarem com os seus sentidos. Ele mencionara amizade e juramentos e ela quis ser capaz de expulsar todos aqueles pensamentos decadentes e indesejados e os sentimentos da sua mente.

Abriu a mala e começou a desfazê-la. Pegou na bolsa de maquilhagem, levou todos os produtos para a casa de banho e retirou os que precisava pela manhã. Esperava que a rotina familiar de viajante a distraísse.

Não distraiu. Reece estava ainda na sua mente. Pensamentos exaltados. Meandros sensuais. E talvez ela não tentasse calá-los. Talvez se deixasse levar.

De regresso à casa de banho, despiu-se, vestiu uma camisa de dormir e deitou-se na cama. Porque decidira ceder à tentação. Fechar os olhos e recordar uma noite na qual ficara demasiado bêbeda.

Uma noite em que Reece tomara conta dela e a levara para a cama.

Uma noite que ele pensava que ela não recordava.

Mas ela recordava-se. De parte, pelo menos.

Um rubor quente espalhou-se pelo corpo, Jenna fechou os olhos, respirou fundo e deixou-se mergulhar nas recordações dessa noite deliciosa e proibida.

## CAPÍTULO 4

*Oito meses antes.*

— Tu e o Brent deviam deixar o trabalho e mudar-se para Los Angeles comigo — Jenna deu mais um longo gole na mistura de rum com *Corona*, depois suspirou de prazer, a cabeça a rodar um pouco mais do que devia. Correção, *bastante* mais do que devia. — Estas bebidas são fantásticas, vais pô-las na carta de bebidas, certo?

— Se o dizes, porei. O teu desejo é uma ordem.

— Estás a brincar comigo, não estás? — Estreitou os olhos, viu o Reece em duplicado e depois cerrou-os um pouco mais até a imagem dele se fundir num só homem. Um homem que lhe sorria indulgentemente sentado à frente dela num dos bancos altos nas traseiras do *The Fix on Sixth*.

*Seven Percent*, uma banda local que ganhara estatuto nacional, estava a tocar no palco de madeira na parte da frente do bar e normalmente ela estaria sentada ao balcão, a ouvir a música e a conversar com os empregados do bar ou com uma amiga, enquanto Brent e Reece trabalhavam. Nessa noite, todavia, ambos tinham tirado folga. Porque esta noite era a Hora Zero. O último grito antes da partida.

No dia seguinte ao início da tarde, ela conduziria o seu carro até Los Angeles.

— Onde foi o Brent? Não está a trabalhar no meu último dia na cidade, pois não? — Ela girou a cadeira para procurar o seu amigo ausente, inclinou-se desajeitadamente e depois sorriu, agradecida, quando Reece lhe deitou a mão, para a endireitar.

— Estás bêbeda — disse ele. Não se tratava de uma acusação, mas uma constatação, como se falasse do tempo.

— A culpa é tua. — Ela ergueu a garrafa da cerveja. — A tua intenção. Tua culpa. Digo-o. Em minha honra.

— Dizes? — repetiu ele esfregando a barba enquanto franzia as sobrancelhas confuso, antes de clarificar: — Oh, acerca da bebida ir para a carta? Em tua honra. Vou chamar-lhe *Long Neck Jennas*.

— É horrível.

— Tens um nome melhor?

Ela piscou os olhos em direção à garrafa de longo gargalo. Rum. *Corona*. Lima. Uma garrafa, tudo misturado. Ela sorriu-lhe.

— *Loaded Coronas*.

Ele torceu a boca. Inclinou-se sobre a mesa, a ponta do dedo na ponta do seu nariz.

— Está feito.

— Sim?

— Se o Tyree concordar.

— Vamos perguntar-lhe.

— Ele está com o Brent, lembra-te?

Ela abanou a cabeça para a clarear, tentando recordar-se da última meia hora ou assim.

Olhando para ela, Reece riu-se.

— Estás *tão* embriagada.

— E depois? É o último grito, lembra-te? Além disso atenua a dor.

Ele pegou-lhe nas mãos.

— Eh, nada disso. Isto é uma coisa boa, lembra-te? Tu mesma o disseste há cerca de um mês.

A recordação do telefonema oferecendo-lhe um trabalho em Los Angeles provocou uma tempestade de emoções.

— Tens razão. É. Quer dizer, a empresa tem uma reputação fantástica e vou adquirir imensa experiência. É um trabalho de sonho; trabalhar com a mais importante organizadora de eventos em Beverly Hills. É exatamente o tipo de trabalho que desejava quando desisti de dar aulas para voltar a usar a minha formação em marketing. Quer dizer, a empresa que está por detrás da maior parte dos eventos de caridade? Metade da minha turma de curso mataria por este emprego.

— Mas?

Ela encolheu os ombros.

— São só nervos, acho eu. Tenho quase 29 anos e nunca vivi em mais nenhum sítio que Austin. E, bem, vou sentir a vossa falta.

Uma sombra tremeluziu nos olhos dele.

— Bem sei. Nós também vamos sentir a tua falta. Mas não é para sempre. Adquires experiência, voltas para o Texas e tomas a cidade no teu pulso firme.

Subiu-lhe uma gargalhada pela garganta.

— É esse o plano?

— Gravado na pedra. Tenho muita fé em ti.

— Sei bem que tens — disse ela suavemente, sentindo as palavras com todo o coração. — E ajuda.

Durante um momento, um silêncio agradável prolongou-se. Em seguida ela inclinou a cabeça em direção ao corredor que conduzia ao escritório.

— Achas que devemos ir ter com o Brent? Combinámos encontrar-nos com a Amanda no Broken Spoke. — Jenna era péssima em dança *country-western*, mas nem pensar em deixar o Texas sem outra rodada. Além disso, Brent dançava o *two-step* como um profissional. Se alguém a podia fazer parecer bem na pista de dança era ele.

— Talvez devêssemos. Mas já bebeste quatro dessas coisas e isso é muito rum. Para não falar na cerveja. Tens a certeza que consegues dançar?

— Oh, por favor, ambos sabemos que eu já não sabia dançar antes. Agora é sempre em frente! — Rindo, deslizou um braço em redor da sua cintura, simultaneamente por camaradagem e apoio. Ele ficou tenso, depois descontraíu e ela estava para perguntar o que se passava quando Brent se dirigiu para eles com uma expressão grave.

— O que se passa? — perguntou Reece.

— A minha babysitter telefonou. A Faith está com febre. Desculpa, Jen, mas tenho de ir.

— Naturalmente. Claro. Vamos contigo.

— Não, vocês continuem, esta é a última oportunidade de verem a Amanda antes de ires embora, não é? Ela não pode ir ao pequeno-almoço amanhã?

Jenna assentiu. Era suposto Amanda encontrar-se com ela no Magnolia Cafe no South Congress antes de Jenna partir.

— Mas se a Faith está doente também não te vejo amanhã.

— Faça panquecas. Venham a minha casa. Já disse ao Tyree e vou enviar uma mensagem ao Nolan e à Tiffany e aos outros. Posso pôr a Faith na minha cama com uns vídeos se ainda estiver doente e fazemos-te uma despedida com panquecas de banana.

— Tens a certeza?

— Estás a brincar? Não me despedir de ti? Nem pensar. Dez horas?

Ela assentiu. O plano era começar a viagem perto do meio-dia, passar a noite em Van Horn, a noite seguinte em Phoenix, em seguida chegar ao seu novo apartamento — ainda desconhecido — por volta do meio da tarde. Tinha um termo para o café, uma geladeira para as sanduíches e toneladas de listas de músicas descarregadas no seu telemóvel. Estava mais pronta que nunca, mas nem pensar em partir sem ver Brent e Faith e o resto dos seus amigos.

— Parece-me perfeito — disse ela.

— Dá um beijo à Faith por nós — acrescentou Reece. — Vemo-nos pela manhã. Provavelmente, terei de pagar mais umas cervejas a esta menina, se ela acredita que eu posso beber tanto como tu — acrescentou, espetando o polegar em direção a Jenna.

Brent deu uma gargalhada.

— O que for preciso, amigo.

— Mais cervejas e vais ter de me levar ao colo para a pista de dança — disse Jenna em palavras que acabariam por ser infelizmente proféticas.

Tinha combinado ir dançar, por isso estava a usar botas de *cowboy* em vez de saltos altos, mas mesmo assim vacilou um pouco a caminho da *Blue*, a carrinha de Reece. Não que ele alguma vez lhe tivesse dado tal nome — ele jurava que era uma idiotice batizar um carro —, mas Jenna e *Blue* tinham um acordo.

— Estás bem para conduzir? — perguntou ela quando subiu para a carrinha. O canto da boca dele contraiu-se.

— Vou fazer por isso — disse ele e ela recordou-se de que ele tinha sido o condutor escolhido para essa noite e não bebera uma só gota. Sem problema. Ela estava bêbeda pelos dois.

Pensara que ficaria um pouco mais sóbria durante a viagem, mas não havia trânsito e a Sixth Street e a conhecida sala de dança em South Lamar distavam apenas uns quilómetros. Encostou a cabeça à janela e observou o cenário que desfilava à sua frente. A nova construção da baixa. O rio a brilhar ao luar. As carrinhas de *street food* e as pequenas lojas que surgiam a sul do rio.

A janela fresca contra a testa reavivou-a de algum modo, mas ela sentia-se ainda excitada — e um pouco nauseada — quando chegaram. Quando atravessaram a multidão e encontraram Amanda e o tipo-dessa-semana, Jenna mergulhou no cesto de batatas fritas e sentou-se ao centro da mesa.

— Está à vontade — disse Amanda entre ataques de riso.

— Ela está um bocado acesa — disse Reece.

— Achas?

Jenna franziu as sobrancelhas para ambos.

— Sou a Jenna — disse ela apresentando-se ao tipo de cabelo escuro com o maxilar bem definido que se sentava ao lado da amiga.

— Easton — retorquiu ele, com uma pronúncia que ela não conseguia reconhecer, mas que imaginava que fosse do Nordeste. — Prazer em conhecer-te. Pena que seja mesmo antes de partires.

— A minha grande despedida — disse ela.

*Advogado*, disse Amanda baixinho, quando Easton se virou para apertar a mão a Reece. Meneou os olhos e Jenna ainda estava a rir quando os homens se viraram.

— O que é que é tão divertido? — perguntou Reece.

— Nada — disse Jenna, trocando um rápido sorriso com Amanda antes de agarrar na mão de Reece. — Vamos dançar.

— O que a dama quiser — disse Reece, e depois acenou para Easton. — Vocês também vêm?

— Eu cresci no Connecticut, e mesmo com quatro anos de faculdade e três anos de Direito em Austin, ainda não consigo dançar o *two-step*.

— Não tem importância — disse Amanda. — Anda. Eu conduzo.

Easton seguiu-a sem mais protestos, o que lhe concedeu pontos de bônus no que respeitava a Jenna. Talvez Amanda tivesse encontrado um tipo decente.

Quanto a ela e a Reece, qualquer resto de desilusão por Brent não poder ali estar se desfez segundos depois de entrarem na pista de dança. Quanto a técnica, Jenna pensava que Brent era o melhor dançarino dos dois. Mas nos braços de Reece não importava, porque apesar da tendência que tinha para tropeçar nos seus próprios pés, sentia-se em chamas, convencida de que não conseguiria falhar um passo mesmo que tentasse.

De algum modo, eles adequavam-se, e com a mão dele firmemente nas costas, moviam-se em silêncio, num ritmo perfeito que fazia o coração dela bater e o corpo vibrar. De esforço, naturalmente — que mais poderia ser? Mas quando finalmente ficaram exaustos e pararam para uma bebida, ela afastou-se rapidamente, algo assustada por não querer quebrar o contacto.

A primeira cerveja quase não a saciou e durante a hora seguinte ela bebeu outra — talvez duas —, depois sentou-se e observou a sala a rodar enquanto Easton se levantava para ir buscar comida e Reece convidava Amanda para a pista de dança.

Jenna observou-os, o maxilar a doer-lhe até compreender que estava a cerrar os dentes e se forçou a descontrair.

Que raio se passava com ela? Amanda adorava dançar e Easton não sabia os passos. Claro que ela queria dançar com Reece.

— Há quanto tempo é que vocês estão juntos? — perguntou Easton, regressando à mesa com um cesto novo de batatas fritas e uma travessa de frango frito.

— O quê? Oh, não. Somos só amigos. Melhores amigos.

— A sério? Eu pensei que...

— Amigos — disse ela com firmeza, afastando a mão, em vez de agarrar algumas batatas fritas. De repente o estômago dela parecia-lhe um pouco convulso



para comer. Em vez disso agarrou no copo de uísque de um dos quatro *Two-Steps* — cerveja com um *shot* de uísque — que Easton encomendara depois da última rodada de cerveja. Emborcou o uísque, ignorando a cerveja. Ela não precisava de uma dose extra de álcool — Deus sabia que já estava suficientemente bêbeda. Mas apetecia-lhe. Queria sentir-se entorpecida. Anestesiada. Não queria sentir fosse o que fosse do que estava a sentir. A doce sensação de formigueiro quando Reece lhe tocava. A opressiva ondulação de ciúme quando ele tinha Amanda nos braços.

Tinha de ser melancolia. Um anseio induzido pela partida que se filtrava através da sua consciência. Porque apesar de se sentir entusiasmada com o trabalho, não queria partir. Ou, mais precisamente, não queria deixar Reece.

Sentou-se muito direita quando o impacto do pensamento errante a atingiu. Reece?

*Não, não, não.* Reece e Brent. Ela pronunciou as palavras claramente na sua cabeça, porque naquele momento corrigir o seu não pronunciado erro era a coisa mais importante no mundo. Reece. E. Brent.

Era isso que queria dizer, é claro. Os pensamentos estavam todos confusos. Só não queria deixar os amigos e partir sozinha para a cidade grande. Mas ao mesmo tempo queria fazê-lo. O trabalho era de sonho e não era provável que ficasse longe para sempre.

Ou ficaria?

Franziu o sobrolho, com os olhos presos em Reece, enquanto pensava. Sempre quisera adquirir experiência noutro sítio, depois regressar a Austin. Mas por que razão? Ela queria organizar grandes eventos e isso não significava que Los Angeles era o seu mercado de eleição?

Talvez, pensou ela, enquanto Reece erguia Amanda. Mas talvez houvesse razões para voltar também.

Gemeu mentalmente. Os pensamentos dela andavam em círculos. De tal modo que ela nem notou quando Easton os separou, agarrando Amanda nos braços. Momentos mais tarde, Reece estava ao lado de Jenna, fazendo-a colocar-se de pé.

— Estás cansada, miúda. É melhor levar-te a casa.

A banda terminou de tocar e Reece ergueu a mão para chamar Amanda e Easton, para se despedirem. Mas depois a música recomeçou, provavelmente da *jukebox*. Não o ritmo acelerado da dança *two-step* do Texas, mas a calma melodia de uma música romântica.

— Espera — disse ela apertando-lhe a mão e conduzindo-o para a pista de dança. — Adoro esta canção.

— Precisas...

Mas ela não o deixou terminar. Pressionou o corpo contra o dele, envolveu-o com os braços e encostou o rosto ao ombro dele. Com um suspiro, inspirou o odor dele, almiscarado e com notas de macho e de cerveja.

— Jenna... — interrompeu ele, a voz tensa como se o nome dela fosse gelo a ponto de quebrar-se.

— Huumm? — Aninhou-se mais, um ardor a preenchê-la e, depois de um momento, os braços dele apertaram-se em redor dela, puxando-a mais para si, até que ela conseguia sentir cada centímetro dos músculos tensos e duros dele à medida que dançavam ao som da música *The Chair* de George Strait. E por um momento — um feliz, maravilhoso e fantástico momento — o mundo inteiro pareceu perfeito.

Depois ele mudou de posição e a realidade desmoronou em seu redor de novo.

— Jenna. — Ele parecia estar a engasgar-se com o nome dela. Ela olhou para cima, confusa e viu uma mistura de determinação e apreensão nos traços no seu rosto. A canção ainda não tinha acabado por completo, mas ele empurrou-a. — Temos de ir para casa.

— Não, eu...

— Tens um longo dia amanhã e precisas de dormir — Ele prendeu-lhe um dedo sob o queixo e ela viu determinação de aço gravada no seu rosto. — Estás bêbeda, miúda.

— Estou. — As palavras pareciam estar a jorrar dela. — Mas estou bem. — Sorriu-lhe. — Tu estás aqui para tomar conta de mim.

A garganta dele moveu-se quando engoliu.

— Que raio, é verdade que estou. Anda — acrescentou, conduzindo-a para fora da pista de dança. — Precisas de dormir, de uma aspirina e de água. Não queres conduzir até Van Horn amanhã com uma ressaca tremenda.

— É capaz de ser tarde demais para isso — disse ela quando a sala começou a rodar de forma desagradável. — Acho que vou vomitar.

— Casa de banho — disse ele, começando a conduzi-la nessa direção. Ela agarrou o braço dele, lutando por se manter direita, porque o chão tinha começado a rodar também. O estômago, contudo, tinha acalmado.

— Na verdade, quero ir para a cama — disse ela, porque a ideia de se ajoelhar no chão de uma casa de banho pública e vomitar lhe parecia terrível. — Acho que vai passar.

— Tens a certeza? — Ele olhou para ela e ela sentiu-se um pouco como uma bomba de relógio. — Não vais vomitar na carrinha, pois não?

— Sujar a *Blue*? Nunca.

Uma sugestão de sorriso curvou-lhe os lábios e ele assentiu. Encontraram Amanda e Easton para se despedirem, mas toda a despedida não passou de um borrão cinzento para Jenna. E assim que se viu instalada na carrinha, ela fechou os olhos e deixou que o ritmo da estrada a embalasse num estado semiadormecido, onde recordações de dançar agarrada a Reece se misturaram com fantasias de beijos suaves e carícias delicadas.

Ela gemeu e contorceu-se. Uma parte da sua mente compreendia que aquele tipo de pensamentos só iria dar azo a problemas, e a outra parte não se importava nada. Que estas ondas elétricas que agora lhe queimavam o corpo valiam a pena e que ela nunca se sentira mais segura do que naquele exato momento, com os braços dele apertados em redor dela e o hálito suave contra o seu rosto, e...

*Neste exato momento?*

Os olhos dela abriram-se e ela compreendeu que já não se encontrava na carrinha. Em vez disso, estava aninhada nos seus braços enquanto ele subia as escadas para o seu apartamento no segundo andar no bairro de Tarrytown de Austin. Ela contorceu-se tentando libertar-se, porque estava a gostar da sensação dos braços dele mais do que queria deveria.

— Consigo andar — protestou —, estou bem.

— Claro que estás — disse ele. — Só estou a tentar exercitar-me.

Ela fez uma expressão zangada, contorceu-se mais ainda e desistiu. De qualquer modo tinham chegado à porta, e ele mudou a forma como a agarrava, depois marcou o código para abrir a porta. Um momento mais tarde ela já estava no sofá.

E um momento depois disso estava a correr para a casa de banho.

Não chegou a tempo. Sentiu o estômago revolver-se, caiu sobre os joelhos e porque estava a tentar não sujar a carpete, acabou por vomitar sobre a camisa e as calças.

— Oh, miúda, está tudo bem. — Como por magia Reece estava ao lado dela, envolvendo-a com uma das toalhas extra grandes de modo a manter o caos afastado, e depois conduzindo-a para a casa de banho. Onde, naturalmente, o seu estômago decidiu que precisava de outro *round*. Desta vez, pelo menos, ela conseguiu abraçar a retrete e Reece até lhe desviou o cabelo.

Quando passou, ela abandonou-se no chão e descansou o rosto no azulejo duro e frio, depois suspirou de prazer.

— Oh, não, querida. — A sua voz suave despertou-a e ela forçou-se a abrir os olhos para o ver a desabotoar a camisa cinza-ardósia que envergava.

— O que estás a...

— Tem de ser lavada — disse ele deitando-a para o lado e puxando também a t-shirt molhada que tinha por baixo.

O peito apertou-se-lhe e uma poderosa onda de anseio desfez-se sobre ela. Não fazia sentido. Ela vira-o sem camisa dezenas de vezes. Centenas mesmo. E a visão do seu peito nu nunca a deixara inebriada. Aqueles músculos tensos; a tatuagem vibrante. Nunca antes ela desejara acariciar a sua pele quente. Sentir o bater do coração sob as pontas dos dedos.

Mas era isso que queria agora, diabos.

Ela fechou os olhos, o estômago incomodado.

— Oh, meu Deus. Desculpa. Lamento imenso.

— Não há problema — disse ele, felizmente não compreendendo. — Mas temos de te limpar agora. Anda lá.

Mas *andar* não era coisa que o corpo dela quisesse fazer. Ou a cabeça, fosse como fosse. Tudo o que queria era ficar no chão até que ele parasse de rodar.

Ela tentou dizer-lhe isso, mas aparentemente tinha-se esquecido de como falar. E quando tentou abrir os olhos, acontece que também se esquecera de como isso se fazia.

A mente dela sabia o que se passava — sabia que ele abria o chuveiro, sabia que ele a estava a despir — mas ela estava completamente incapaz de comentar esse facto tão interessante.

E o tempo parecia rodar também, não mais obedecendo às regras básicas da física porque ela estava de pé e a água escorria sobre a sua pele nua, e o braço de Reece estava em redor dela, a sua pele quente enquanto usava a outra mão para suavemente a passar por água. Um tremor selvagem percorreu-lhe o corpo, que a traía à medida que ela desejava um toque mais íntimo. A ponta dos seus dedos acariciando-lhe os seios depois seguindo as gotas de água cada vez mais abaixo, esta inteira noite surreal explodindo em prazer nos seus braços.

Seria tão simples. Tudo o que ela tinha de fazer era conjurar as palavras. Diz-lhe. *Pede-lhe*.

*Não. Oh, Deus, o que estava ela a pensar?*

Pensar? O que estava ela a *sentir*? Tratava-se de Reece. Era algo de inocente.

Isto era o seu corpo a reagir quando a mente sabia o que era melhor, tudo porque ela bebera demais.

A mente dela voltou a si e ele estava a enxugá-la e a ajudá-la a vestir o seu robe felpudo favorito. Depois estava na cama, aninhada junto a ele, ainda enrolada no robe.

— Estou aqui — murmurou ele. — Tenta dormir.

Ela respondeu, a voz turva. Agradecendo-lhe. Dizendo-lhe que o amava. Que tinha saudades dele. Dizendo que lamentava imenso ter arruinado esta última noite.

Mas ele acariciou-lhe o rosto e disse-lhe para se calar. Ela não o fez. Em vez disso olhou para cima, a boca dela num sorriso.

— Gosto — disse ela, esfregando a palma da mão pela sua cabeça recém-rapada. A pele era fresca e macia. — Fica-te bem.

— Achas?

Ela colocou-se de joelhos, sentindo-se um pouco instável, depois dobrou-se e beijou-lhe a cabeça.

— Para dar sorte, está bem?

Recuou olhando-o séria nos olhos. Por um segundo sentiu-se como um carvão em brasa, mas depois o momento passou e ela sentiu o peso incómodo do desapontamento invadi-la.

— Precisas de dormir — disse ele com firmeza, quando ela voltou a recostar-se nas almofadas, o corpo rendendo-se à exaustão. Depois, ele puxou o cobertor para cima e acariciou-lhe o cabelo, com o toque a aliviá-la, mesmo que simultaneamente lhe transmitisse arrepios que lhe desceram pela coluna.

O sono estava a invadi-la, puxando-a para baixo, para a escuridão. Ela queria mais. Ele. O corpo dele duro e pesado sobre ela. A sua boca a saborear cada centímetro do seu corpo.

Ela queria a fantasia tornada realidade.

Mas não o podia ter e por isso manteve a boca calada e os olhos bem fechados e rendeu-se à sedução do sono, receando que ele visse o seu desejo se o olhasse nos olhos.

Depois tudo mudaria, e ela perderia a sua amizade para sempre.

E isso era algo que ela nunca, mas nunca mesmo, deixaria acontecer.

# Doze meses, doze homens, doze histórias absurdamente sexy.

O bar The Fix on Sixth está em risco de fechar. Um grupo de amigos decide ajudar, competindo com o que de melhor tem: sensualidade e atributos físicos! E assim surge o concurso **O Homem do Mês**, onde os melhores partidos do Texas vão disputar o título durante doze meses, atraindo os olhares do público e das mulheres que os tiram do sério.

## ◦ Janeiro ◦

**REECE WALKER** é o gerente do The Fix e só uma coisa lhe interessa, além de salvar o seu bar: Jenna Montgomery. O problema é que ele sabe que Jenna sempre o viu como um mulherengo e, pior ainda, como «apenas um amigo». Estará ele disposto a pôr em risco esta amizade e confessar os seus sentimentos?

## ◦ Fevereiro ◦

Antiga estrela de *reality shows*, **SPENCER DEAN** não confia em ninguém desde que foi abandonado no altar. Mas, agora, a antiga noiva está de volta e precisa dele para lançar a sua carreira. Spencer sabe o risco que corre, mas decide ajudá-la... Afinal, a vingança serve-se fria, certo?

## ◦ Março ◦

Bonito, tímido e perdidamente apaixonado por Mina, assim se descreveria **CAMERON REED**. Embora pudesse ter qualquer mulher, apaixonou-se pela irmã do seu melhor amigo. Ninguém disse que o amor era fácil, pois não?

**Qual destes homens  
a conquistará?**

**TOPSELLER**

os livros em primeiro lugar

20|20 editora

ISBN 978-989-8917-59-1



9 789898 917591

Romance Erótico